

EQUITAÇÃO

INDICAÇÕES PARA O PREPARO DO CAVALO DE CONCURSO

PELO CMT. BATTISTELLI

Não constituem estas notas um Código; em equitação, qualquer que seja, nada se codifica.

São apenas conselhos que poderão ser postos em prática, quando o executante tiver capacidade para dosá-los e julgar de sua oportunidade.

Nada têm de pretensivas; não são também fruto de imaginação, mas da experiência dos mestres que iniciaram o autor, adjunta ao resultado dos ensinamentos adquiridos pessoalmente e em colaboração com camaradas de trabalho.

I — ESCOLHA DO CAVALO

O futuro cavalo de concurso deve:

- ter recursos;
- respeitar naturalmente os obstáculos.

Na aquisição de um tal cavalo, pode a escolha ser feita entre exemplares já experimentados no salto, e que hajam revelado qualidades notáveis, ou num lote, de cujos elementos nenhuma informação se possua.

As regras a seguir em um e outro casos apresentam muitas analogias, embora diferiram ligeiramente no ponto de partida. Na primeira hipótese, relativamente rara, si o cavalo se serve normalmente de seus recursos, (espáduas, pescoço e rins), si se flexiona e manifesta real facilidade no obstáculo, além de preencher as condições de energia, idade, modelo e andadura, de que se tratará mais adiante — deve ser experimentado.

De que modo?

Na guia ou em liberdade, facilitando-se-lhe a prova pela reunião de condições que o disponham da melhor maneira.

E' opinião geral que, após dois ou três ensaios, o cavalo que dispõe de recursos deve poder saltar corretamente 1m,40. Esta opinião pode ser adotada, mas sem se perder de vista que é preciso dar atenção ao modo pelo qual o cavalo se dispõe para saltar a altura que lhe é imposta.

Durante os ensaios, o cavalo cometerá faltas, tanto com os posteriores, como com os anteriores. Ver-se-á como reage e, si mais tarde, terá probabilidades de respeitar o obstáculo.

Si o cavalo em questão satisfizer as condições esboçadas, deve-se adquiri-lo e começar sua preparação.

No segundo caso, isto é, quando se não tenha nenhuma informação sobre o lote de cavalos de onde se fizer a escolha, procurar-se-á, de preferência, o futuro saltador entre os que:

- não sejam muito idosos, de 7 a 10 anos no máximo;
- tenham boa corrente de sangue, manifestada pela energia (não temer cavalos fogosos);
- tenham boas linhas;
- possuam belas espáduas (a inclinação da espádua e, sobretudo, do braço, tem grande importância).
- apresentem peito forte e profundo, dorso bem conformado, permitindo a ada-

ptação correta da sela, bem como, rins largos (preferíveis os ligeiramente longos aos muito curtos), joelhos e jarretes baixos, fortes e largos, bons aprumos e principalmente bons pés.

Seu tipo deve ser bem proporcionado, parecendo ser o médio o melhor. O pequeno tem seus meios fatalmente limitados; por sua vez, os muito desenvolvidos têm contra si a ausência de boa conformação, pecando, não raramente, pela dificuldade em se os por em forma e em equilíbrio.

Os que tenham facilidade em galopar poderão ser velozes, e, mesmo sem **trop grands foulées**, facilmente dirigidos naquela cadência.

Evidentemente, é difícil encontrar cavalo que reúna todas as qualidades, mas é mister escolhê-lo entre os que as possuem em maior número.

Escolhido assim o cavalo, deve então ser experimentado, quer na guia, quer em corredor circular, esforçando-se para que salte calmo e com períodos de distensão.

O trabalho destinado a fixar a escolha exige uma quinzena, durante a qual se procurará, inicialmente, fazer o cavalo confiante em pequenos obstáculos e, gradativamente, aumentado-os até 1m,00 ou 1m,20 (utilidade do obstáculo de barras paralelas e na mesma altura).

Durante esse tempo, observa-se a maneira pela qual o cavalo enfrenta o obstáculo, si o faz com gosto e voluntariamente, qual seu modo de saltar, si flexiona o pescoço (**bascule**), si se serve das espáduas e dos rins, si salta mais facilmente picando de longe ou de perto, enfim, si respeita o obstáculo.

Passados alguns dias sem saltar, para atentar nos sofrimentos em consequência das provas anteriores, leva-se o cavalo a alguns obstáculos de 1m,20 e 1m,50. Si manifestar vigor, flexibilidade e franqueza, a par de gosto e respeito pelo obstáculo, é adquiri-lo o encetar o treinamento.

II — PREPARAÇÃO DO FUTURO CAVALO DE CONCURSO

A — O trabalho.

Escolhido o cavalo, qual seu trabalho?

Antes de tudo, cuidando-se de sua alimentação, aspecto geral e membros, pô-lo em boas condições de saúde e em estado de se lhe dar trabalho metódico e de se lhe aperfeiçoar o adestramento nos saltos.

Obedece êle, a partir do primeiro dia, a uma progressão razoável e bem estabelecida e o animal só será forçado a saltar, com objetivo nitidamente estabelecido.

A título de exemplo, pode-se adotar para programa semanal, a seriação abaixo, que será feita alternativamente:

- durante dois dias — passeios tranquilos (a passo, trote curto);
- idem — distensão (trote, galope);
- idem — distensão, trabalho em obstáculo.

O trabalho de salto, quer a guia, em corredor, ou montado, deverá ser feito

pelo futuro cavaleiro e conduzido sempre conscienciosamente e com propósito. Tomando-se tais precauções, seu estado melhorará, sua aptidão se desenvolverá a pouco e pouco, apresentando progressos em presença de obstáculos e, dentro de curto prazo, ficará comprovado si realmente pode comparecer, brilhantemente, aos concursos. Esta fase será aproveitada para familiarizá-lo com os obstáculos do exterior: retos saltáveis, variados fossos, taludes, subidas, descidas, etc., começando sempre pelos simples e progredindo até os mais complicados. Dar particular atenção aos saltos em extensão, iniciados pelas pequenas valas, que se abordarão bem de vagar, para que o animal veja o que está fazendo e, em caso de necessidade, empregando-se, como guia, um velho saltador.

Importante é que o salto seja sempre calmo e em ordem. Quando se não alcance esta condição, insistir freqüentemente no fazê-lo ao trote, porque assim o cavalo é forçado a elevar as espáduas, a equilibrar-se, fazer a flexão de abaixamento de pescoço e servir-se dos rins; além disso, acalma-se, muscula-se e permite ser conduzido de frente e enquadado no obstáculo, recebendo também a impressão segura do esforço a despender e da maneira de dar a batida. Bem entendido, nesta andadura se não deverão abordar obstáculos de grande vulto, porque faltaria a impulsão ao cavalo que, duvidando dos próprios meios, poderia retardar exageradamente o movimento.

Cumpra igualmente fazê-lo galopar, largo ou curto, de acordo com seu temperamento, para estendê-lo, fixá-lo, dar-lhe franqueza, musculá-lo e ampliar-lhe a ação (utilidade da gamarra-martingal, que auxilia a colocar o cavalo) evitando a todo custo, que se debruce sobre as espáduas, baixando desmedidamente a cabeça. As exigências de esforços necessários a seu desenvolvimento seguem alternativas tranquilas; cada período de galope será compensado por longo passeio em andadura calma.

E' justamente a quadra que se aproveita para tornar o cavalo agradável à montaria, dando-se-lhe flexibilidade, facilitando-se-lhe as voltas, os alongamentos e os encurtamentos de andadura, desenvolvendo-se, enfim, sua obediência aos efeitos simples das rédeas e das pernas. Só apressaremos sua estréia em concurso, si lhe dermos equilíbrio, e o fizermos manejável e flexível, sem pesar na mão; daí decorre a necessidade de exigir sempre o mínimo. Mas, um mínimo apenas de picadeiro, afim de que conserve o entusiasmo natural, permanecendo apoiado e aceitando suavemente a mão do cavaleiro. Isto se obtém, apelando para toda espécie de flexionamentos, pedidos a galope.

Todo o trabalho elementar visa torná-lo dócil aos alongamentos e encurtamentos de andadura, que permitem as meias paradas, as ajudas laterais e diagonais

que facilitam a condução ao obstáculo e as voltas muito apertadas. Nele, é claro, conserva-se no cavalo a franqueza no movimento para frente e se lhe evita o acumamento, e ainda aí o treinamento de salto tem a primazia.

B — O obstáculo.

a) — Princípios gerais.

Não se deve saltar mui freqüentemente (duas ou três vezes, no máximo, por semana), nem um número exagerado de obstáculos em cada sessão (10 serão suficientes). Assim procedendo, não se estanca o gosto do cavalo pelo obstáculo, nem se o desencoraja. Para não saltar maior número que o desejado, é mais seguro seja a contagem dos saltos feita por um terceiro. Não se salte a esmo, nem obstáculos insignificantes. Não se exagere a altura do salto; de 1m,10 a 1m,20 é bastante. Uma vez por mês, leve-se o cavalo à altura de 1m,30 ou mesmo 1m,40. Preferir sempre os obstáculos retos ou os profundos (utilidade das barras paralelas). O animal será ensinado a respeitar o obstáculo: elevar a barra no fim da sessão.

Sempre que possível, os obstáculos serão fixos.

Saltar freqüentemente ao trote (vantagens já assinaladas).

Encerrar a sessão com um bom salto, recompensando o cavalo fartamente.

b) Material necessário.

Não é de tamanho vulto como se pensa. Basta haver:

— 4 a 6 barras de 4 a 5 metros de comprimento e, de preferência, não muito grossas;

— 4 a 6 suportes (castiçais);

— uma sebe (traie);

— uma barreira;

— um retângulo de tela, dobrável, em cujas faces são pintados grosseiramente, muro, palanques, barreira.

c) Como saltar obstáculos fixos.

Em um corredor, é fácil, colocando as varas na frente dos suportes que são fixos.

No picadeiro, consegue-se, vasando na parede uma goteira vertical guarnecida de anéis metálicos, que sustentam as extremidades das barras, apoiadas nas outras, apenas por um suporte. E' bom ha-

ver também uma barra metálica (pedaço de cano) que se sobrepõe ao obstáculo para, com a resistência e ruído provocado pelo choque, impôr respeito ao cavalo.

C — Métodos para o adestramento de salto.

A preparação para o salto é feita, quer a guia, quer em liberdade (corredor ou picadeiro).

Pode-se, igualmente, prepará-lo montado, mas, este processo, pôsto seja empregado em casos isolados, não é recomendável; convém utilizá-lo rara e criteriosamente e, mesmo assim, quando o animal esteja perfeitamente submetido às ajudas.

a) Trabalho a guia.

Muito útil nos casos enumerados mais adiante, deve mesmo ser considerado indispensável. Como recurso de adestramento, subjuga e flexiona o cavalo. Contudo, é de difícil aplicação em face dos obstáculos e muito poucos são os cavaleiros capazes de empregá-lo com propósito, a não ser que o tenham praticado anteriormente, com esmero e minúcia. Seu emprêgo é regulado pelos dois princípios abaixo:

1.º — O cavaleiro deve manejar habilmente a guia;

2.º — O cavalo já deve ser mestre neste trabalho, obedecer sem excitação e ter suas andaduras reguladas pela voz de seu cavaleiro.

Fora destas duas condições, é inútil qualquer tentativa.

Observe-se ainda:

A guia convenientemente disposta — as faceiras do cabeção não molestando os olhos do animal e a focinheira bem ajustada, nem lassa, nem apertada — de forma que o cavalo possa estender a guia e conservar um contacto suave com a mão do condutor.

O cavalo, cumpre já esteja bastante distendido quando for enfrentado o obstáculo. Ao abordá-lo, o fará normal à sua frente, assim se conservando depois de passá-lo. E' preciso, pois, dirigi-lo de modo que tome uma pista perpendicular ao obstáculo e antes, cerca de 10 metros do salto, acompanhá-lo durante duas ou tres batidas (*foulées*) deixando a guia escorregar entre os dedos.

Em cada três ou quatro voltas, saltar uma vez.

Conseguir do cavalo andadura regular e constante (trote ou galope franco antes e depois do obstáculo), de modo a evitar suas mudanças.

Não abusar dos saltos e trabalhar nas duas mãos.

E' muito útil este trabalho, e nunca demasiadamente encarecido, não só para transformar em saltador de concurso um cavalo que salte sem entusiasmo, como para ensinar-lhe o abaixamento de pescoço, a se receber depois do salto e a não dar a batida longe do obstáculo, etc.

Nestes diferentes casos, são utilizados:

Para provocar o abaixamento do pescoço — obstáculo gênero "oxer", com regular afastamento;

Para habituá-lo a se receber — elevar as barras e duplas a distâncias variadas.

Para impedir que salte de muito longe — dupla ou tríplice que se aproximam ou se afastam.

b) Trabalho em liberdade.

Suas finalidades e vantagens já foram expostas no correr destas notas. Cumpre relembra simplesmente que, comparado com o trabalho a guia, tem sobre este a excelência de contribuir para que o cavalo seja colocado em condições de velocidade análogas às dos percursos montados; e, importa notar, si o cavalo deve aprender a saltar velozmente si é necessário encontrar-se a velocidade máxima na qual conserve, para o salto, o equilíbrio horizontal.

Para ser proveitoso o adestramento, deve ser realizado no picadeiro (de dimensões reduzidas), de preferência aos corredores circulares, porque si estes são sensivelmente grandes, carecem de numero pessoal para auxiliar; si, ao contrário, são muito acanhados, os resultados obtidos em relação ao fator velocidade, pouco diferem dos alcançados com a guia.

Guardadas, porém, as proporções, os corredores circulares oferecem comodidades incalculáveis ao trabalho de barragem, uma das razões que tornam indispensável sua existência, ainda mesmo de dimensões modestas (elipse de 30 por 14 metros; com pista de 3 metros de largura).

O valor do trabalho em liberdade é consequência da conduta do cavaleiro e do preparo preliminar do cavalo, que só deve iniciá-lo quando estiver perfeitamente calmo, com as andaduras comandadas a voz.

Precauções a tomar:

— Estender completamente o cavalo antes do salto;

— Fazê-lo saltar nas duas mãos para coibir os maus hábitos;

— Recorrer ao trote sempre que o cavalo tenha tendência a debruçar-se;

— Contar rigorosamente os saltos; jamais passar de 12 a 15, no máximo 20, si o animal estiver em exuberância de forma;

— Permitir que se recomponha, após alguns saltos, a não ser que contrarie a condição natural do obstáculo;

— Não saltar mais de duas vezes por semana.

c) Trabalho montado.

Posto que marque êle a finalidade do adestramento de saltos, no curso desta preparação, constitue exceção, com o fito apenas de verificação do progresso realizado.

Sem embargo, é indispensável um entendimento perfeito entre cavalo e cavaleiro, o primeiro encontrando o melhor modo de equilibrar-se sob o peso do se-

gundo, este permitindo àquele realize por si mesmo o mecanismo do salto.

E' ainda excelente exercício, a recomendar pelas oportunidades que oferece ao cavalo de travar conhecimento com obstáculos de aspecto especial e que não seriam fáceis de saltar, a não ser montado.

Enfim, é o único processo para preparar, simultaneamente, cavalo e cavaleiro para a execução de um percurso.

Deve ser convenientemente dosado, fazendo-se o animal saltar em proporções muito limitadas, espaçando, regulando e variando as sessões, para que não o fiquem, nem o esgotem inutilmente, induzindo assim, o cavaleiro, a um falso juízo de seu preparo. Ao contrário, o cavaleiro deverá fazer frequentes percursos, montando em outros cavalos, único meio de adquirir pleno conhecimento do obstáculo e da maneira pela qual se portam os diferentes cavalos montados.

Que se deseje no trabalho montado?

1.º — Do cavalo.

O cavalo deve saltar francamente, galopando direito antes e depois do obstáculo. Correr, pode dizer-se, espontaneamente de um a outro obstáculo, fazendo o percurso por si mesmo, sem esperar que o cavaleiro o constranja a isso; deve estar suavemente destendido no corredor formado pelas rédeas e pelas pernas, coisa a obter-se, a pouco e pouco, mediante galopes e percursos variados de poucos obstáculos, cuja dificuldade crescerá progressivamente.

Os percursos serão feitos em andadura parelha, sem alongamentos nem encurtamentos, salvo junto ao obstáculo, afim de recompor o cavalo ou fazê-lo saltar de longe.

O cavalo deve ser obediente às pernas e manjável, afim de executar facilmente as voltas, sempre preparadas de antemão, para, uma vez terminadas, poder dirigir-se direito sobre o obstáculo seguinte.

2.º — Do cavaleiro.

Precisa estar fixo na sela, o que não exige lomos exageradamente curtos, porém diminuídos de 4 furos em relação ao habitual para montaria de passeio. Ser flexionado, o que conseguirá com o trabalho e a prática. Suas mãos permanecerão sempre baixas, agindo manifestamente coladas ao cavalo (de um e outro lado do garrote e não no ar).

Manifesta-se a ação das pernas gradual e imperceptivelmente e só em caso de necessidade, à semelhança de quem espreme uma esponja, mais ou menos enérgicamente e nunca por pancadas ou batidas (salvo em caso de defesa ou refúgio).

O cavaleiro, desde longe, põe o cavalo em andamento cadenciado, mas, no momento oportuno, deixa que saite. Esforça-se por conduzi-lo de rédeas suficientemente longas, para dar-lhe plena liberdade ao pescoço, mas, em todo o caso, mantendo-as ligeiramente tensas, em permanente contacto com a boca do animal, cujos movimentos acompanha com as mãos, e tendo as pernas vigilantes, aguardando ocasião de agir.

Mantém a parte superior do corpo inclinada para a frente, as mãos baixas, as pernas coladas ao cavalo, não se lhe antecipando jamais no salto, nem também atrasando seu centro de gravidade, no momento em que se recebe, pousando no solo. Em suma, antes, como na ocasião do salto ou depois, sua posição será a do galope de escola ("galop ganter"), assim se adaptando ao modo pelo qual o cavalo aborda o obstáculo.

Montará conforme o tipo e a natureza do obstáculo a transpor. Aos poucos, progressiva, mas francamente, irá obtendo o galope próprio ao percurso e conservando-lhe a cadência, sem flutuações; preferindo sempre fazer o percurso sem faltas, ao invés de procurar grande velocidade.

E' mister acompanhar o cavalo, compreender e sentir, a todo momento, a marcação das andaduras, não para contê-lo nas proximidades do obstáculo, coisa a proscrever em absoluto, mas para se aperceber de como o enfrenta, atirando-se de longe ou de perto.

Isto depende do caráter e temperamento do cavalo; no primeiro caso, agir progressiva, mas suavemente com as pernas, e no segundo, apoiar as mãos, inalterar as pernas coladas, mais ou menos passivas, e eclipsar-se-lhe, por assim dizer, em cima. Tais qualidades serão adquiridas pouco a pouco, realizando frequentes percursos em diferentes cavalos, quaisquer sejam suas aptidões como saltadores.

Nos obstáculos duplos ou triplíceis, dirigir o cavalo bem direito, em andadura conveniente, sobre o primeiro, e deixá-lo continuar, acompanhando-o em suas batidas e estimulando-o com pressão de pernas, si seu temperamento o exigir. Examinar antecipadamente e com exatidão a distância entre as duplas e as triplíceis e imprimir ao cavalo uma velocidade tal que, dada mais uma batida no vão do obstáculo, não se o atire ao pé do obstáculo a saltar.

Durante o adestramento e antes que o animal esteja plenamente confirmado, iniciar as sessões de saltos sobre dois ou três obstáculos fáceis, semelhantes aos que se pretendem saltar, afim de torná-lo confiante.

Obrigar o cavalo, o mais cedo possível, a fazer pequenos percursos, o que todavia não significa saltar 10 a 12 obstáculos consecutivos; as sessões não devem ser violentas, mesmo que consistam em ir de um obstáculo a outro com tempos de parada, ou na insistência por diversas vezes no mesmo obstáculo. Si se dispuser de terreno apropriado, podem realizar-se percursos com dois ou três obstáculos, que se não saltam mais de uma vez, mas cujas distâncias são variadas.

III — O TRABALHO NA E'POCA DAS PROVAS

O adestramento do cavalo de obstáculo e suas condições devem marcar progressos muito acentuados, para que se pense em apresentá-lo ao público e, ainda assim, o cavaleiro andarà à maravilha, fixando, com particular interesse, as questões seguintes:

a) Como pô-lo em condições e dar-lhe fôlego.

Estes requisitos, a miúdo desprezados, têm importância capital, porque o cavalo de concurso deve estar na posse de todos seus recursos e exuberância.

Suas condições melhoram consideravelmente:

— por meio de um trabalho metódico, com período de calma e com sérias distensões, de forma e desenvolver toda a sua musculatura;

— mediante cuidada nutrição, distribuída e fiscalizada como si fôra para um parceiro em pleno treinamento.

O fôlego será gradativamente obtido, recorrendo-se ao galope mais ou menos longo, segundo o temperamento do animal: rápido para os calmos e normal para os árdegos.

Atribua uma grande importância a este trabalho, o **Cel. de Campesavin**. Opina êle que, para concorrer a uma prova certo de êxito, o cavalo, posto à margem o obstáculo, deve estar em estado de cobrir 4.000 metros em bom galope sem se afrontar.

De qualquer modo, porém, importa mantê-lo em alto estado, não se poupando tempo, nem cuidado, para alcançá-lo.

b) Preparação para o obstáculo.

As qualidades musculares do animal, sob o aspecto do obstáculo, devem ser de tal maneira desenvolvidas, que a sucessão dêles no percurso não o ponha em choque, nem seja por fadiga que se abata ao terminá-lo. Neste sentido, é conveniente habituar o cavalo a passar, pouco a pouco, com intervalos bem espaçados, na guia, em liberdade, ou montado, e sempre em andadura regular e bem cadenciada, cerca de vinte obstáculos de 1m,20 aproximadamente.

Não obstante, estas sessões serão relativamente raras e sempre efetuadas com oportunidade.

c) Percursos.

Os percursos feitos intra-muros constituirão uma exceção, pois não é no terreno do exercício que se ganham as provas; entretanto, o cavalo será habituado a fazer algumas pequenas pistas, que se aproximem do tipo das que terá de enfrentar, e o cavaleiro, levado a conhecer profundamente as qualidades ou falhas de sua montada nos percursos, que poderão comportar um número mínimo de obstáculos.

Nestes exercícios convém focalizar: o estudo da velocidade que o cavalo pode sustentar e que se lhe tem direito de exigir, a qual será sempre regular, não pedida por emissões, havendo, está claro, todo interesse em que seja tão corrente (coulant) quanto possível, porém jamais exorbitante de sua capacidade.

Estudos das voltas. — E' de toda conveniência habituar o cavalo a fazer as voltas tão fechadas quanto possível e dispô-lo rapidamente para o obstáculo que se segue. Caso se imponha mudança de andadura, é preciso obtê-la progressivamente, para impedir que o cavalo se inerve e resulte daí perda de tempo. Nas provas públicas, há grande vantagem em percorrer a pista a pé, antes de ser interdita, afim de estudar a natureza das voltas e referir os pontos em que se devam começá-las.

d) Barragem.

Durante o adestramento, há interesse em não se fazer a barragem. E' mais aconselhável trabalhar o cavalo em terreno ligeiramente pesado (picadeiro ou terreno arenoso) com obstáculos fixos, contentando-se com a elevação das varas para impressioná-lo ou regular sua batida.

A melhor barragem é a natural, quer dizer, o cavalo chocando-se na parte superior do obstáculo, cuja resistência se poderá aumentar por meio de uma barra de ferro.

E' muito prático, máximè nos obstáculos retos, para torná-los respeitados, colocar uma barra de ferro à frente e à sua altura, afastando-a de 25 a 30 centímetros. Os cavalos preguiçosos, encontrando-a fatalmente, pois que a não veem, impressionam-se bastante com o choque e o ruído.

Os bons saltadores dispensam a barragem, respeitando naturalmente o obstáculo. Os que são frequentemente barrados se rotinam: elevam-se nos exercícios e se relaxam em público.

Todavia, ha frequentemente necessidade de operar a barragem, antes das provas, para levantar o cavallo que se descuida ou se enerva, mas geralmente barra-se muito parcimoniosamente. Em todo caso, não fazê-la em obstáculos altos e muito pouco nos posteriores, para não aproximá-lo de mais do obstáculo.

O cavallo comete faltas, ou por preguiçoso — e, neste caso, é absolutamente preciso barrá-lo — ou por aboridar mal o obstáculo, quando é mais recomendável aperfeiçoar o seu adestramento que barrá-lo.

Arma de dois gumes é a barragem; cumpre empregá-la bem a propósito pois, do contrário, leva-se o animal à prática de vícios, difficilmente sanáveis.

O cavallo montado é, sem dúvida, mais fácil de barrar, porque o cavaleiro le dá e mantém a impulsão necessária, evitando as faltas e os accidentes.

Pode ser executada por uma ou duas pessoas. Raro é encontrar-se cavaleiro bastante hábil que, a sós com uma vara (com ou sem taxas), seja capaz de realizá-la com esmero. Tudo se tem imaginado para sua applicação: o arame esticado sob o obstáculo, o cabo resistente e sonoro, e até o próprio petardo.

Empregam os ingleses, com frequência varas leves revestidas com couro de ouriço, as quais impressionam muito, conquanto não firam o cavallo. É um excellentissimo processo.

Ha também, muito interessante, a barragem de roldanas de d'Arincourt, pela suspensão das barras, tornando o cavallo muito vigilante e obrigando-o a reparar na colocação do obstáculo.

Em suma, a melhor delas parece ser a applicada por duas pessoas, por meio de uma vara de dimensões limitadas, mas resistente. É preciso ensinar os ajudantes a darem a pancada levemente, e, sempre à mesma altura (15 a 20 centímetros), o que evita os golpes intempestivos da barra, dados ao acaso e desastradamente.

A pancada deve ser desferida, sêca e bruscamente, entre o casco e o bolete.

Sendo possível, é de toda a conveniência barrar em diferentes obstáculos e, de preferência, no fim de um percurso.

O ideal seria ter, em cada obstáculo, uma turma invisível, que elevasse cêrca de 20 centímetros a barreira, toda vez que o cavallo saltasse.

A pancada com a vara, ou melhor, elevação da vara pode também servir para regular a batida ou o gesto do salto.

A elevação à frente do obstáculo obriga a uma batida afastada; atrás, quando o cavallo se acha ainda a duas ou três ba-

tidas, força-o a se recolher, caso tenha a tendência de saltar de muito longe.

A pancada nos posteriores tem como consequência o abaixamento do pescoço, com a inconveniência de aproximar o cavallo do obstáculo.

e) Repouso.

Há, ordinariamente, interêsse em concorrer nas provas com o cavallo descansado em relação a obstáculos. Visando isto, é fazê-lo realizar um percurso, cinco ou seis dias, às vezes mesmo oito, antes da prova, barrá-lo no fim do exercício, e cessar em seguida o treinamento de saltos, contentando-se apenas em passeá-lo e fazê-lo galopar.

Entre dois concursos, com oito ou dez dias de intervalo, suspender completamente os saltos.

f) Conselhos para montar em público.

Dar ordens para que os cavalos cheguem $\frac{1}{2}$ de hora antes do começo da prova.

Inspeccioná-los rapidamente. — membros, ferraduras (ter com que colocar rompões, si o terreno estiver escorregadio, convindo mesmo ferrá-los com rompão fixo).

Inspeccionar o arreiamento, verificar o ajustamento do freio, reajustar a sela sempre, para que se mantenha correta, de preferência atrás, apertar fortemente a cilha, utilizar sobrecilha de segurança.

Informar-se da hora de sua partida, ler o plano do percurso e fazê-lo a pé para fixá-lo. Jamais se impressionar com a altura dos obstáculos, mas examinar como estão organizados. Verificar as distâncias das triplices, duplas, etc. Eucorar as voltas e investigar onde deve começá-las para rasar os vasos de flôres, bandeirôlas, etc. Conhecer a pista de côr, para evitar as hesitações.

Entrar no **paddock**, para fazer o trabalho de distensão, ao trote e galope, até que o animal se tenha descontraído e pareça já desembaraçado.

Saltar sempre uma barra, duas ou três vezes antes de entrar na pista. Conforme o salto dado pelo cavallo, aplicar uma barragem apropriada.

Entrando em pista, montar para vencer; não esquecer que o segundo já é um fracasso. Si há já percurso sem falta, ganhar por tempo.

Si se tem mais de um cavallo, montar o melhor em último lugar; é lastimável concorrer com um só animal. Neste caso, é preferível apresentar uma segunda montada — qualquer que seja — montá-la num percurso deixando para a ocasião decisiva o cavallo em que ponha todas as esperanças.

Em público, ser calmo e correto. Não soltar exclamação alguma, nem voltar-se

para ver si foi derribado o obstáculo, desistir da prova, após ter cometido tantas faltas que não mais tenha probabilidade de êxito. Voltar, neste caso, ao **paddock**, saltar duas ou três vezes, barrando enêrgicamente em caso de difficuldade, mas, de forma alguma, jamais castigar o cavallo em público.

Não se faz adestramento em pista de concurso, quando muito reentrar no **paddock** e ter uma explicação muito severa com o cavallo.

g) Cuidados.

A montada na fase de preparação para concursos, deve ser cercada de cuidados de toda natureza; êstes desvelos têm sua importância.

Cumpre velar-se por que:

— a nutrição seja variada (menos aveia aos nervosos; de preferência, aos mais calmos, etc);

— o arreiamento esteja bem ajustado e sólido e os bocados estejam de acôrdo com a sensibilidade do cavallo, sendo de preferir os mais grossos e doces (o briedão de remonta com gamarra -- martin-gale — é especialmente recomendável);

— as peças de proteção (polainas, ligas, joelheiras e **clochos**) sejam utilizadas em caso de necessidade;

— a ferragem seja adaptada ao pé do cavallo e à natureza do trabalho a obter-se: de modo geral, ferradura com pinça truncada e ajustamento reverso; a inglesa ou ferradura leve com quatro rompões em cada pé, si o terreno for escorregadio; si for muito duro, com ferraduras apropriadas.

Enfim, é mister se tenham à mão os recursos de urgência para remediar os accidentes comuns, que são para os cavalos de concurso, os joelhos inchados, as pancadas, as sobre-canas.

A título de informação, jamais se esquecer que para os edemas, inchações e moléstias semelhantes, a melhor terapeutica é a água, applicada tão quente quanto possível e sob a forma de compressas, de hora em hora.

Para os ferimentos, feridas, etc., a solução de azul de metileno, na proporção de 5/10000, é o melhor dos desinfetantes. Finalmente, os pés do cavallo de concurso devem merecer a mais cuidadosa atenção: serão constantemente engraxados com unguento apropriado, e facilmente preparável, misturando-se alcatrão da Noruega e sebo, em partes iguais.